

## AS MUITAS FACES DA AFETIVIDADE: UM BREVE DEBATE SOBRE O FUNCIONAMENTO PSICOLÓGICO DO SER HUMANO



Fausto Eduardo Menon PINTO<sup>1</sup>



### Resumo

O presente ensaio versa sobre o debate da dimensão afetiva na organização e funcionamento psíquicos do ser humano. Inicialmente, como dimensão afetiva, entende-se o conjunto de sentimentos, emoções e afetos que se tem acerca de si mesmo, de objetos e experiências em particular, os quais resultam em uma valoração qualitativa: amor, paixão, alegria, tristeza e outras mais. Começa-se a discussão dessa temática pondo em evidência duas visões teórico-psicológicas atuais, como os Modelos Organizadores do Pensamento, que procuram romper com o paradigma *cartesiano* clássico, cuja essência é a divisão secular entre *mente e corpo, razão e coração*. Posto isso, faz-se uma breve reflexão, no sentido hipotético e ainda muito preliminar, de como se poderia compreender futuramente o sujeito psicológico e suas dimensões constituintes; por exemplo, a cognição, a afetividade, a consciência e o inconsciente como partes inseparáveis, dinâmicas e complexas.

**Palavras-chave:** Psicologia. Funcionamento psicológico. Cognição. Afetividade.

### Introdução

O presente ensaio teórico tem por fim debater o papel da cognição e da afetividade no âmbito do funcionamento psicológico do ser humano. Buscando satisfazer esse objetivo, em um primeiro momento, expõem-se duas teorias psicológicas que procuram acrescentar novas discussões acadêmicas pertinentes ao sujeito psíquico, que é entendido aqui como sendo o conjugado das dimensões cognitiva e afetiva, indissociáveis. A seguir, para se aprofundar nesse estudo, começa-se a definir melhor o que é a afetividade, apresentando algumas idéias em caráter preliminar que esboçam o que seria tal dimensão no psiquismo humano.

### **1 Afetividade e cognição: duas concepções teóricas**

Os mistérios da alma humana – o complexo e insonhável mundo de estruturas de conexões nervosas e de conteúdos psíquicos – foram, do período da Grécia Antiga aos dias atuais o despertar do deslumbre dos filósofos, poetas e cientistas das diferentes áreas do conhecimento humano. Por isso, é interessante refletir que...

É sabido, repetidas vezes, nos tantos manuais acadêmicos, que as primeiras descobertas científicas objetivaram desvendar mundos que estavam além do alcance dos mortais, seja, por exemplo, através da observação direta a planetas longínquos [...] Desse modo, o ser humano há tempos – por sua natureza psicológica envolta de curiosidade acerca dos fenômenos ao seu redor, que é um traço bastante peculiar – enveredou nos liames da descoberta científica, inclusive com referência à alma humana (PINTO, 2004b, p. 113).

Com referência a essas questões, pode-se entender que o ser humano – através do intelecto – começou a refletir acerca do mundo ao seu redor e assim construiu verdades sobre os mais variados objetos inanimados ou animados: conhecendo-os em sua plenitude de propriedades. Deve-se tal fato ao momento em que ele redirecionou suas volições não mais para a explicação de ordem mítica da realidade, mas, possivelmente, centrou-se na sua capacidade de pensar racionalmente.

A considerar essa perspectiva, comenta-se muito que os filósofos foram os primeiros pensadores a questionar de forma ordenada e toda sistemática, acerca de uma variedade de temas que envolvem o mundo dos mortais, em especial aqueles que dizem respeito à alma humana, tais como as idéias, as fantasias e as paixões. É importante dizer que para essa reflexão, os filósofos valiam-se inteiramente da *razão*. A razão é a que promove a *base do pensamento* para se encontrar o conhecimento filosófico, a verdade (PADOVANI e CASTAGNOLA, 1964; JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006). Isso então serviu de alicerce para o pensamento científico e a consolidação de um acúmulo de conhecimento, que no período do Renascimento houve um aumento vultoso de pesquisas nas áreas da Química, Física e Biologia.

Como idéia associada ao parágrafo anterior, o método experimental, viabilizado ao objeto de estudo, consistiria notoriamente em isolar um corpo (objeto) em partes cada vez mais diminutas e dele retirar as suas funções principais, como por exemplo, a sua força, a elasticidade, movimento, trajetória ou suas características biológicas e químicas. Na visão Renascentista assistiu-se ao uso exarcebado da matemática para formular leis explicativas e

sistematizadas, com equações que melhor descrevessem as características fenomenais dos objetos de estudo (PINTO, 2003a).

Entende-se por isso mesmo que, desde o período do Renascimento, houve uma dispersão das inúmeras áreas do conhecimento (v. g., Química, Biologia, Física e Matemática), o que pôde trazer experimentações sucessivas e um real controle de variáveis, para que com isso houvesse a decodificação funcional das leis que regem os fenômenos naturais. Levando-se em pauta essa idéia, ir-se-ia pelos caminhos de um conhecimento puramente mecanicista e racionalista ao universo fenomenal; restringindo os objetos em fragmentos cada vez mais distintos entre si, como numa celeuma disjuntiva (PINTO, 2003b).

Semelhantemente, há algumas discussões atuais que visam a refletir o pensamento científico em uma proposta de estudo da complexidade. Nessa forma de entendimento, é bom observar que a palavra complexidade é definida por Morin (1995) como algo, obviamente complicado, difícil de explicar, que não pode se reduzir a uma lei ou a uma idéia simples. Entende-se, no entanto, que a complexidade é um fenômeno que envolve uma quantidade extrema de interações e interferências entre um grande número de unidades. Em suma, pode-se supor que “o grande avanço do pensamento complexo é procurar coordenar, em uma mesma perspectiva, os aspectos parciais e a totalidade da realidade” (ARAÚJO, 2000, p. 94).

É dentro dessa concepção que se acredita que se deva incorporar no saber psicológico novos modelos de estudo teórico que tampouco possam fragmentar a alma humana em dimensões dissociadas entre si mesmas. Conforme ressaltado, nos últimos anos, parece que se começa a questionar que a *cognição* e a *afetividade* possam estar em um convívio dinâmico no psiquismo, bastando-se notar que elas possuem dimensões psíquicas de características particulares, mas que certamente têm correspondência psicológica associativa. Procurando-se imaginar uma realidade teórico-psicológica em que se olhe o ser humano como sendo o produto dinâmico de processos intelectuais e também afetivos. Como se disse antes, muitos são os autores, em diferentes áreas do saber, que têm apontado muitas evidências de que a oposição entre cognição e afetividade não se sustenta de fato. Ou de uma outra forma de falar...

[...] acredita-se que as duas estruturas (afetividade e cognição) funcionem psicologicamente de maneira dinâmica e construtiva, como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo-afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis ‘mais’ afetivo ou ‘mais’ cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis” (PINTO, 2004a, p. 109).

Com alusão a tais idéias, a teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento vem conceber que o ser humano articula psicologicamente modelos ou sistemas dinâmicos “[...]que lhe permitem orientar e conhecer grande parte do mundo que o rodeia” (MORENO et al, 2000, p. 78). Em outras palavras, os modelos organizadores seriam os “óculos” (simbolicamente falando) dos sujeitos psicológicos a enxergarem a realidade. Essa teoria define...

[...] um modelo organizador como uma particular organização que o sujeito realiza dos dados que seleciona e elabora a partir de uma determinada situação, de significado que lhes atribui e das implicações que deles se originam (MORENO et al, 2000, p. 78).

Pode-se acrescentar aos modelos organizadores a síntese de diversas atividades cognitivas realizadas pelo sujeito psicológico (ARANTES DE ARAÚJO, 1998) em seu psiquismo, ora frente a uma situação, ora frente a uma experiência em particular. Nesta síntese, o sujeito psicológico, segundo a teoria, consente três etapas que acontecem ao mesmo momento. O sujeito abstrai dados da realidade fenomenal, atribuindo-lhe significados e estabelece implicações entre o dado selecionado e os seus respectivos significados atribuídos (MARTINS, 2003). “Os dados, seu significado e suas implicações estão religados em um sistema de conjunto constituído exatamente do que denominamos de *modelos organizadores*” (MORENO et al, 2000, p. 83).

Na atividade de abstração, não são todos os dados da realidade que entram na formação do modelo organizador, porque o sujeito faz uma abstração daquilo que acredita ser significativo, desconsiderando os demais (ARANTES DE ARAÚJO, 1998). Isso vem comprovar que, já na abstração, o sujeito psicológico não faz uma cópia exata da realidade externa; ele abstrai dados significativos. Nas palavras de Arantes de Araújo (1998, p. 31),

No processo de *abstração de dados* o sujeito psicológico diante de uma determinada situação, certamente não retém todos os dados da realidade. Faz uma seleção: retém aqueles dados que para ele são significativos e rechaça os que não considera significativos e pertinentes.

Comentando sobre a atribuição de significados, é interessante ver que o sujeito psicológico aplica significados aos dados abstraídos, podendo-se estimar, então, que nem todos os modelos elaborados são estáticos, e sim dinâmicos: alguns modelos organizadores do

pensamento permanecem como base na estrutura psíquica e outros modelos vão sendo reconfigurados, segundo o experienciar do sujeito psicológico. Pode-se traduzir assim:

Em relação ao processo “atribuição de significados” (condição que faz com que eles sejam considerados/abstraídos ou não na elaboração de um modelo), vale ressaltar que, um mesmo sujeito, em diferentes situações pode atribuir significados diferentes a um mesmo dado (ARANTES DE ARAÚJO, 1998, p. 32).

Para pontuar a relação entre abstração dos dados e atribuição de significados, Arantes de Araújo (2003, p. 119) argumenta que...

[...] os processos de abstração e atribuição de significados aos dados ocorrem simultaneamente. Essa última é condição *sine qua non* para que os dados sejam considerados/abstraídos ou não na elaboração de um modelo.

Nas implicações presentes na atividade modeladora do pensamento, os significados atribuídos pelo sujeito ao dado abstraído formam implicações a uma realidade fenomenal. Quer isso dizer,

Quanto às *implicações* estabelecidas pelos sujeitos durante a elaboração de um ‘modelo organizador’, estas dependem dos significados atribuídos aos dados considerados. Isso faz com que diante de uma mesma realidade estabeleçam-se variadas relações (implicações), o que nos leva a ter diferentes visões de um mesmo fato (ARANTES DE ARAÚJO, 1998, p. 32).

A teoria dos Modelos Organizadores do Pensamento entende a relação e correlação entre a afetividade e cognição tal qual um diálogo psicológico conjuntivo na elaboração do raciocínio humano. Os modelos remetem a uma organização mental específica em que o sujeito psicológico estabelece, a partir dos dados abstraídos, significados e suas implicações correspondentes (SASTRE e MORENO, 2002), tendo, por conseguinte,

[...] os sentimentos e emoções têm um papel fundamental no processo de abstração e seleção dos dados, nos significados que o sujeito atribui nos mesmos, e nas implicações e/ou relações que estabelece entre elas” (ARANTES DE ARAÚJO, 2000b, p. 62).

Se bem se compreende,

[...] não devemos mais admitir as polarizações entre o campo da racionalidade e da afetividade presentes nas explicações do funcionamento psíquico. O comportamento e os pensamentos humanos se sustentam na indissociação – forma dialética – de emoções e pensamentos, de aspectos afetivos e cognitivos (ARANTES DE ARAÚJO, 2002, p. 169).

Pensados todos os aspectos anteriores, Araújo (1998; 1999; 2003; 2007) defende a idéia de elaboração de novos modelos teóricos que possibilitem romper a dicotomia entre *mente e corpo, razão e emoção*, através da busca de novos paradigmas em psicologia. Chegando a essa conclusão, para tal autor, a maneira pela qual o ser humano pensa e sente e valora é o resultado da coordenação de vários sistemas ou dimensões. Para resumir, compreende-se o sujeito psicológico como...

[...] um ser que sente emoções, que sente fome, que vive imerso em relações com um universo objetivo e subjetivo, e que possui uma capacidade intelectual e afetiva que lhe permite organizar e interpretar essas relações com o mundo interno e externo (ARAÚJO, 1999, p. 46).

Consoante o mesmo autor, afirma-se que haja aspectos multidimensionais constituintes da natureza psicológica do ser humano, como exemplo, biofisiológica, afetiva, cognitiva e sociocultural simultaneamente, estando em constante relação e correlação entre si mesmas (ARAÚJO, 2007). Nessa *influência mútua*, todos têm o mesmo grau de importância e assim qualquer alteração que venha a acontecer em cada uma dessas dimensões ou subsistemas, afetará dinamicamente o funcionamento do sistema inteiro. Isso significa dizer que não é “perdida” a noção das partes nem do todo, mas por certo, existindo uma correlação dinâmica entre eles: sendo o sujeito psicológico não uma mera junção de subsistemas, porém a incorporação destes sistemas dinamicamente e...

[...] para melhor compreender esse ser psicológico complexo, podemos estudar separadamente seus aspectos cognitivos, afetivos, socioculturais e biológicos e suas relações como o mundo físico, interpessoal e sociocultural à sua volta. Não se deve, porém, perder a perspectiva de totalidade e coordenação interna e externa desses sistemas (ARAÚJO, 1999, p. 68).

Nessa relação psico-funcional, como enfatiza o mesmo autor, existem elementos reguladores (ARAÚJO, 1999, p. 73) que teriam como papel a coordenação dos sistemas e subsistemas no sujeito psicológico. Frente ao conceito regulador...

[...] nossa hipótese é a de que em seu funcionamento psíquico o sujeito psicológico utiliza-se de vários elementos ‘funcionais’ (ou ‘colas’) que nesse momento, gostaríamos de definir como reguladores (ARAÚJO, 1999, p. 74).

Agora para citar alguns exemplos, o sistema biológico poderia ter como regulador os neurotransmissores, definidos como aquelas substâncias que facilitam a comunicação entre as células nervosas, alterando o funcionamento ao nível cerebral. No sistema sociocultural haveria a linguagem como um mediador entre o ser humano e a sociedade. Com relação ao cognitivo, os esquemas mentais e as crenças seriam os seus mais fecundos representantes; aqueles que coordenam a capacidade de conhecimento. Para a afetividade, os seus reguladores (como os sentimentos, afetos e emoções) desempenhariam o encargo de interferirem íntima e dinamicamente no estado de ânimo do ser humano.

Considerando todos esses elementos, pode-se refletir que a complexidade deste funcionamento psíquico deve-se a uma multidimensionalidade do ser humano, defendida por Araújo (1998; 1999; 2007), em sua proposta teórico-conceitual. Na composição do ser humano psicológico existem algumas dimensões que o constituem e podem afetar as relações intra e intersíquicas que estabelece consigo mesmo e com o mundo físico, interpessoal e sociocultural em que vive. Para melhor explicar...

Seguindo esta linha de raciocínio, os esquemas de ação descritos pela teoria piagetiana também podem ser entendidos como reguladores, pertencentes ao sistema cognitivo. Um determinado esquema de ação, como o de sucção, possui uma interdependência com os demais sistemas. Por exemplo, seu funcionamento no momento de a criança mamar tem uma interna relação com o sistema afetivo, no tipo de atribuição valorativa que a criança dá ao seio (ARAÚJO, 1999, p. 75).

De acordo com esse modelo teórico, proposto por Araújo, há muito se vem comentando sobre ele, como se nota em alguns trabalhos recentes (cf. PINTO, 2003a; 2005b; 2005c; 2005d), e o que mais se acentua nesse caso é que tal modelo teórico-explicativo aponta para novos caminhos de se compreender a complexidade do funcionamento psíquico do ser humano ao indicar múltiplos aspectos, ou dimensões psicológicas, que o compõem dinamicamente e, além do mais, que estariam bem próximas da realidade concreta de cada ser humano: com todos seus afetos e todos seus pensamentos, intrinsecamente ligados um a um, por exemplo.

Todo o questionamento do capítulo pode ser ilustrado com alguns ensaios teóricos e estudos empíricos (MARTINS, 2003; ARANTES DE ARAÚJO, 1998; 2000a; 2000b; 2002; ARAÚJO, 1999; SASTRE e MORENO, 2002), os quais vêm sinalizar que questões dilemáticas, encontradas em uma situação conflitiva em que há uma contextualização, isto é,

que venha a ter a inserção de um contexto afetivo, comporta um universo diversificado de respostas, apontando assim para uma complexidade na organização do pensamento humano. Isso ajuda a tentar entender a complexidade do raciocínio humano, ao se considerar as inúmeras variáveis que podem interferir no julgamento dos sujeitos diante de uma situação-conflitiva, sobretudo aquelas que contenham uma descrição afetiva. Tal discussão propõe que a afetividade é sintetizada como um conteúdo particular na organização psíquica do sujeito psicológico.

Para aclarar a inter-relação entre cognição e afetividade, hoje em dia, há inúmeros trabalhos no campo da Psicologia Básica (ARANTES DE ARAÚJO, 2006; ARAÚJO, 1998, 2003) que balizam para um possível rompimento entre *razão* e *coração*, entre *cognição* e *afetividade*. Esses estudos demonstram teórica e empiricamente que a organização do pensamento humano comporta, complexa e dinamicamente, aspectos cognitivos, assim como afetivos. Nesses artigos empíricos e ensaios teóricos é que se começou a questionar sobre o significado dos estados de ânimo no psiquismo humano.

Concluindo, uma imagem que se faz presente é que o ser humano seja composto multidimensionalmente por uma dimensão *cognitivo-afetiva*. Por isso é que frente a toda esta discussão, começa-se a compreender que a organização do pensamento humano pode ser influenciada tanto pela cognição, quanto pela afetividade. Frente a tais indagações, a afetividade *coabitaria* psiquicamente em igual proveito com a cognição e teria ela um valor considerável na organização do raciocínio humano, entendendo-se que a afetividade pode mobilizar e coordenar funcionalmente a dinâmica subjetiva do sujeito psicológico (PINTO, 2004a).

## **2 A dimensão afetiva: algumas idéias complementares**

Neste momento tenciona-se a colocar em discussão algumas idéias análogas às das páginas anteriores. Para o início, é interessante procurar definir o termo afetividade. Há inúmeras definições em manuais acadêmicos (como se vê em D'URSO e TRENTIN, 2001), porém acredita-se que a afetividade possa ser representada como o conjunto de *emoção* e *sentimento*. De modo geral, as emoções são tidas como “o estado psíquico cuja principal característica é o grau muito forte de sentimento” (DORIN, 1973, p. 171), ou seja, vêm e logo desaparecem; enquanto que os sentimentos são mais estáveis e permanecem. Ainda sobre tal tema, Dorin (1971, p. 307-308) define que:



Os estados emocionais e sentimentais formam a afetividade. Por sentimento entende o estado afetivo brando, suave [...]. Assim, são os sentimentos de alegria, tristeza, júbilo, ódio, medo, raiva[...] Quanto às emoções são reações caracterizadas por um grau muito forte de prazer ou desprazer e por uma reação motora muito intensa [...]. Uma alteração brusca no ambiente provoca uma emoção e não um sentimento. Todavia, é preciso termos em conta que a reação afetiva depende do sujeito, em primeiro lugar.

Destarte, a afetividade é o conteúdo psíquico que *dá cor* aos pensamentos, motivações, temperamentos e outros mais (MIRA y LÓPEZ, 1967), alterando substancialmente todo o estado de ânimo. Além disso, há alguns ensaios teóricos, em caráter preliminar de idéias e hipóteses teóricas (PINTO, 2003a, 2003b, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b, 2005c, 2005d, 2005e, 2006, 2007), lançando um questionamento sobre a importância de se distinguir, cada vez mais, o termo afetividade de emoção e sentimento, assim como defini-la como uma dimensão do psiquismo que possui características próprias, afetando a forma de se valorar objetos, experiências e pessoas; a afetividade passa de uma simples *energética* para influenciar no funcionamento psíquico, além de ter comunicação com a cognição.

Percebidas essas características, não dá para separar os processos afetivos daqueles que são cognitivos. Pensa-se que o sujeito psicológico seja formado por um conjugado de processos *cognitivo-afetivos*, exprimindo tudo aquilo que o ser humano realmente é: as suas condutas, as suas atitudes, os seus temperamentos, os seus gostos, os seus prazeres, os seus medos, as suas fraquezas e assim por diante. Além do que, por sua enorme complexidade psicológica, capacita-se a remover da memória psíquica o seu mundo interno, ou mundo subjetivo (subjetivo análogo a: imaginação, crenças criatividade pensamento, fantasias e etc.).

Com vistas ao parágrafo acima, há de se supor também que a afetividade seja sintetizada como um conteúdo particular na organização psíquica do sujeito psicológico. Com efeito...

Neste significado, a afetividade consegue englobar uma porção de estados de ânimo e, além do mais, englobando uma organização viva de significados e conteúdos psicológicos; como tristeza, amor, paixão, inveja, desesperança e outros mais (PINTO, 2004a, p. 25-26).

Procurando desenvolver o conjunto de reflexões propositivas anteriores, buscando ainda avançar teoricamente, têm-se aqui como uma hipótese que a afetividade seja analisada como uma *dimensão do psiquismo*, que organiza subjetivamente os seres humanos, subentendendo-

se, pois, que o fenômeno afetivo possa ser definido como um sistema muito mais complexo, dinâmico e repleto de conteúdos psicológicos que se intercomplementam entre si, o que parece sugerir que não há um pólo afetivo definido, como amor ou ódio, alegria ou tristeza, mas sim uma complementaridade dinâmica, ou seja, amor e ódio, alegria e tristeza (PINTO, 2005b; 2005c).

É relevante explicitar que há de se acreditar que no funcionamento psicológico cognição e afetividade estejam dinâmica e intimamente participando da valoração quantitativa e qualitativa da realidade (subjetiva e/ou objetiva) do ser humano. Imagina-se, pois, que entre o *pensar* e o *sentir* a via comunicativa esteja em um sentido bidirecional, sem ao menos prejudicar as composições elementares de cada estrutura em si; podendo-se até modificar funcionalmente a relação entre elas. Por isso, os estados afetivos poderiam alterar todo o dinamismo do funcionamento psíquico do ser humano, pelas emoções, pelos sentimentos, pelos temperamentos ou pelos estados de ânimo. Em suma, o sujeito psicológico vai sendo coordenado, de modo todo dinâmico, pelo jogo psico-funcional dessas duas dimensões psicológicas em uma determinada experiência do dia-a-dia, constituindo-se em um sistema psicológico de integração de múltiplas estruturas psíquicas (PINTO, 2005e; 2007).

Para entender essa hipótese, veja um exemplo. Na tarefa de designar um significado aos mais variados objetos, entra em jogo a dinâmica do psiquismo, onde o ser humano consegue estabelecer ligações mútuas, construtivas e representacionais, entre realidade interna e realidade externa. Decorre daí uma *leitura psíquica* do mundo que o cerca. Pode-se até mesmo acreditar que para que haja a qualificação dos perceptos, em níveis cada vez mais complexos, faz-se imperativo o surgimento de processos altamente especializados, representados aqui pela atividade intelectual e também afetiva (PINTO, 2005e).

Entrementes, acredita-se que no funcionamento psicológico as duas dimensões supracitadas estejam dinâmica e intimamente participando da valoração quantitativa e qualitativa da realidade (subjetiva e/ou objetiva) do ser humano. Ou seja, conceber ambas as dimensões de forma integral e não tentar atribuir a elas um caráter de maior ou de menor grau no funcionamento psicológico, e sim alocá-las em um diálogo psicológico.

Para ficar mais claro, apresenta-se um novo exemplo. Um dado objeto inanimado/animado informa perceptualmente ao sujeito psicológico suas propriedades físicas (cor, tamanho, textura e composição do material). O ser humano *devolve* ao objeto o resultado de sua ação psíquica em qualidade valorativa: o objeto é bonito, feio, apaixonante,

decepcionante ou até tudo isso ao mesmo momento. Falando de um outro modo, a própria atividade perceptual, realizada pelo ser humano, já estaria *impregnada de afeto*; não é um *olhar* pelo simples fato de *ver alguma coisa*, mas *ver* a partir dos próprios *afetos* (PINTO, 2005e; 2007).

Ao final dessas argumentações, é interessante idealizar um ser humano que seja integral, onde haja o conjugado intercâmbio vivo e dinâmico de processos cognitivos e afetivos. Ele vai sendo coordenado, de um modo todo dinâmico, pelo jogo psico-funcional das dimensões psicológicas (como cognição e afetividade...), constituindo-se em um sistema psicológico de integração de múltiplas estruturas psíquicas. A suposição básica é que cada dimensão psicológica possuiria seu *status* próprio e poderia coordenar outras mais. Com isso em mãos, integrariam conhecimentos distintos e não se sobrepujaria uma área sobre a outra: todas teriam um valor de importância no funcionamento do sujeito psicológico (PINTO, 2005e).

Sugere-se portanto que a afetividade poderia ser mais bem explorada, definindo-a tal qual fosse não apenas um estado puro e simples da alma humana, como é descrita nos manuais de Psicologia Básica, e sim uma dimensão psicológica com características singulares e formas específicas de organização psicológica. Desse modo, procura-se caracterizá-la não apenas como um simples conteúdo psicológico que sensibiliza de forma agradável e/ou desagradável o pensamento dos seres humanos – mas que com certeza aloje em si mesma um rol de significados e conteúdos psicológicos próprios.

### **Considerações finais**

Como discussão temática, as idéias deste ensaio tiveram como finalidade promover o debate acadêmico sobre a relação existente entre cognição e afetividade no que se chama de funcionamento psicológico do ser humano, com base em duas visões atuais e distintas; as quais têm oferecido um material considerável de dados empíricos bastante explicativos. Corroborando com essa reflexão, discute-se que a afetividade, pois, pode ser tratada como uma dimensão do psiquismo humano que compreende um conjunto, complexo e dinâmico, de características particulares voltadas à valoração que se dá a uma pessoa, objeto ou experiência particular e que afetam o funcionamento psíquico do ser humano.

## THE TOO MANY FACES OF AFFECTIVITY: A SHORT DEBATE ABOUT THE HUMAN BEING'S PSYCHOLOGICAL WORKING PROCESS

### Abstract

The present work is about the debate of the affectionate dimension in the organization and psychic operation of the human being. Initially, as affectionate dimension, we understand the group of feelings, emotions and affections that one has concerning to oneself, objects and specific experiences, which result in a qualitative valuation: love, passion, happiness, sadness and others. We initiate the discussion of such theme highlighting two current theoretical-psychological views, like the Thinking Organizer Models, that try to break with the classic Cartesian paradigm, whose essence is the secular division between mind and body, reason and heart. Thus, we make a short reflection, in the hypothetical sense and still very preliminary, about in which way one could understand in the future the psychological subject and its constituent dimensions; for instance, the cognition, the affectivity, the conscience and the unconscious as inseparable, dynamic and complex parts.

**Key-words:** Psychology. Psychological functioning. Cognition. Affectivity.

### Nota

<sup>1</sup> Psicólogo pela Universidade São Francisco, Mestre em Educação pela FE/Unicamp e Psicólogo da Prefeitura Municipal de Hortolândia/SP. E-mail: faustomenon@bol.com.br.

### Referências

ARANTES DE ARAÚJO, V. A. *Modelos organizadores na resolução de conflitos morais: um estudo intercultural com estudantes brasileiros e catalães*. Barcelona: Facultat de Psicologia/Universitat de Barcelona (Credits de Recerca), 1998.

\_\_\_\_\_. Cognição, afetividade e moralidade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 137-153, 2000a.

\_\_\_\_\_. *Estados de ânimo e os modelos organizadores do pensamento: um estudo exploratório sobre a resolução de conflitos morais*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Facultat de Psicologia/Universitat de Barcelona, Barcelona, 2000b.

\_\_\_\_\_. Afetividade no cenário da educação. In: OLIVEIRA, M. K. et al. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.

ARAÚJO, U. F. *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. *Conto de escola – a vergonha como um regulador moral*. São Paulo/Campinas: Moderna/Unicamp, 1999.

\_\_\_\_\_. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 91-107, 2000.

\_\_\_\_\_. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: ARANTES DE ARAÚJO, V. A. (Org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M. *Educação e valores*. São Paulo: Summus, 2007.

Dorin, L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: Itamaraty, 1971.

\_\_\_\_\_. *Psicologia geral*. São Paulo: Editora do Brasil, 1973.

D'URSO, V.; TRENTIN, R. *Introduzione alla psicologia delle emozioni*. Bari: Laterza, 2001.

JAPIASSÚ, H; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MARTINS, S. M. P. *Juízo e representação da ação moral: um estudo na perspectiva dos modelos organizadores do pensamento*. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, 2003.

MIRA y LÓPEZ, E. *Psicologia geral*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

MORENO, M. et al. *Conhecimento e mudança*. Campinas: Moderna/Unicamp, 2000.

MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget Editora, 1995.

PADOVANI, H; CASTAGNOLA, L. *História da filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

PINTO, F. E. M. *Psicologia e hospital: uma reflexão sobre a cognição e a afetividade*. *Roteiro*, v. 28, n. 1, p. 83-99, 2003a.

\_\_\_\_\_. *Psicologia e complexidade... um retorno ao passado em busca de um sistema integrador*. *Argumento*, n. 10, p. 11-22, 2003b.

\_\_\_\_\_. *Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano*. Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, 2004a.

\_\_\_\_\_. O “mundo do coração”: os (novos) rumos de estudo da afetividade na psicologia. *Revista Ciências Humanas*, v. 10, n. 2, p. 111-114, 2004b.

\_\_\_\_\_. Os (des)afetos da inteligência: o possível diálogo entre cognição e afetividade. *Publicatio*, v. 13, n. 1, p. 7-12, 2005a.

\_\_\_\_\_. A afetividade na organização do raciocínio humano: uma breve discussão. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 7, n. 1, p. 35-50, 2005b.

\_\_\_\_\_. Cognição e afeto: uma primeira visão reflexiva sobre o funcionamento do sujeito psicológico. *Revista de Educação*, v. 8, n. 8, p. 61-69, 2005c.

\_\_\_\_\_. Uma análise introdutória sobre o papel da afetividade na cognição humana. *Mimesis*, v. 26, n. 1, p. 75-82, 2005d.

\_\_\_\_\_. Cognição e afetividade: um primeiro debate sobre o papel do pensar e sentir. *Barbarói*, v. 22/23, p. 71-82, 2005e.

\_\_\_\_\_. O sujeito psicológico e as interfaces com as dimensões psíquicas: um breve diálogo sobre a afetividade. *Claretiano*, n.6, p. 20-28, 2006.

\_\_\_\_\_. A dimensão afetiva do sujeito psicológico: algumas definições e principais características. *Revista de Educação*, v. 10, n. 10, p. 9-15, 2007.

SASTRE, G.; MORENO, M. *Resolución de conflictos y aprendizaje emocional*. Barcelona: Gedisa, 2002.

Recebido: 15/08/2007

Aceito: 28/04/2008